



Gazel: romance-folhetim de 1881 e outros textos, de Luiza Leonardo (2023)

[10.29073/naus.v9i1.1201](https://doi.org/10.29073/naus.v9i1.1201)

Recebido: 23 de maio de 2026.

Publicado: 6 de junho de 2026.

Autor/a: Luiza dos Reis , Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil, luizamachadodosreis@gmail.com.

O romance-folhetim¹ *Gazel*, da escritora brasileira Luiza Leonardo, permaneceu por mais de um século em quase absoluto esquecimento, até o recente trabalho de resgate e pós-resgate realizado pela pesquisadora e professora Rosana Cássia dos Santos². Publicado originalmente em 1881, nos periódicos *Gazeta da Tarde*, do Rio de Janeiro-RJ e *O Lábaro*, de Porto Alegre-RS, o romance é publicado em formato de livro em 2023 pela Editora da Universidade Federal de Santa Catarina, preenchendo uma das diversas lacunas da historiografia literária do país.

Luiza Leonardo nasceu em 1859, no Rio de Janeiro e foi escritora, exímia pianista e atriz. Sua formação na França, sob proteção de D. Pedro II, seu padrinho de batismo e último monarca do império brasileiro, reflete-se na erudição e nos cenários da narrativa do romance em questão, que se inicia em Paris, em 1865, apresentando a infância da pequena *Gazel*, em um lar abastado.

A protagonista, filha do banqueiro Bernardo Lauzan e D. Angélica, é apresentada a partir de sua felicidade e "tom faceirinho, altivo". Sua criação e educação está inserida no espaço erudito e a casa da família com estantes cheias de livros, cômodos com mobília refinada, quadros e músicas, era cenário de eventos sociais da burguesia parisiense, e "tudo o que ali existia falava a linguagem do belo reunido ao útil, sem aparato, sem lantejoulas." (p. 44) A narração do romance se faz em terceira pessoa e a voz narradora apresenta-se altamente crítica à sociedade, como quando inicia o capítulo VI afirmando:

Era no inverno de 1878. Corria cheio de festas e brilhos, para os ricos; lutuoso e cheio de misérias, para os últimos da escala social. Enquanto jorram dos lustres de cristal milhares de átomos luminosos, filtrados através de cortinas brancas das janelas; lá, nas trevas e no desespero, ouve-se o estorcer de uma agonia de pobre. Lá em cima brilham os diamantes nos colos aveludados das mulheres belas e levianas; cá embaixo agonizam e morrem milhares e milhares de crianças, nuas, roxas de fome (p. 69).

Além da hipocrisia burguesa, a narradora do romance demonstra consciência que expressa frente ao desenrolar da trama, mostrando-se desde o início conhecedora do fim trágico de *Gazel*, que em suas palavras "corria vertiginosamente para o abismo" (p. 70).

Ainda criança, *Gazel* é descrita como geniosa e o pai, que a adorava, ao fazer-lhe todas as vontades, é advertido por seu amigo de infância, Sr. Laurens, que representa, no romance, o porta-voz da moralidade da época, afirmando que se continuasse a criá-la assim, "daqui a dois anos *Gazel* será uma cortesãzinha habituada a lisonjas e, quem sabe, talvez já sem pudor." (p. 46) A mãe, em consonância com Laurens e em contraponto à postura do

¹ O romance-folhetim caracteriza-se como uma narrativa dividida em pequenas partes, publicadas, majoritariamente, na seção "folhetim" dos periódicos. Além dos capítulos curtos (ou partes de capítulos), há uma série de estratégias narrativas para "prender o leitor". Tania Rebelo Costa Serra em *Antologia do romance-folhetim: (1839 a 1870)*, de 1997, explica a diferença entre os termos romance-folhetim e romance em folhetim, que se resume na utilização da estrutura da narrativa e na efetiva publicação em jornais. Ou seja, mesmo que não tenha sido escrito originalmente para publicação em periódicos, muitos escritores usavam da estrutura e recursos folhetinescos para construir suas narrativas.

² Rosana Cássia dos Santos é professora titular da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), atuando na graduação em Letras e na pós-graduação em Literatura, com pós-doutorado pela Universidade do Porto, através do Programa Estágio Sênior no Exterior – CAPES. Desenvolve pesquisas sobre romancistas brasileiras do passado, com várias publicações na área de resgate e pós-resgate literário, destacando-se a organização do livro *Mariana Coelho – 1854-1957*, volume da Coleção Senhoras do Almanaque, publicado em 2025, pela Biblioteca Nacional de Portugal, em parceria com o CLEPUL e o CICS.NOVA. Integrante do GT da Anpoll A Mulher na Literatura, do qual foi coordenadora no biênio 2014-2016. Pesquisadora de Produtividade em Pesquisa do CNPq.

marido, demonstra constante preocupação com a educação da filha, conhecendo as "funestas consequências" (p. 45) de uma criação menos castradora ou mais liberal, por assim dizer, às mulheres. Em um diálogo de D. Angélica com uma visita, Claudina, mãe de uma poeta, afirma:

– A minha Joaquina, D. Angélica, cansa-se muito com as poesias! É a razão por que não quero que ela trabalhe; mas o gênio é mais forte, e quando ela está inspirada tem até febre... Deus a livre, D. Angélica, da sua Gazel ser poetisa. – Por certo, respondeu a boa senhora com convicção, não desejo que Gazel tenha o talento de D. Joaquina... seria muito infeliz. – Sofre-se muito, respondeu esta, não somos compreendidas. Se eu tivesse nascido nos tempos de Virgílio! (p. 40)

Já nesse início de narração é possível perceber o tom irônico e crítico de Luiza Leonardo, que inscrevendo o enredo da trama no ano de 1865 - época em que a autora tinha apenas seis anos - exercita um olhar que denuncia, com ironia, as mesmas estruturas sociais da sua infância, na qual uma menina "travessa" (p. 37) não poderia ter outro destino, se não a trágica consequência de seus atos.

A trama sofre sua primeira reviravolta quando Lauzan é roubado por seu funcionário, Adolfo, levando a família à penúria e consequente morte do patriarca e provedor. Esse infortúnio desloca Gazel e sua mãe, D. Angélica, para Lisboa, onde a protagonista assume o papel de preceptora na casa do Conde de Vila Viçosa. Essa benevolência por parte do Conde não minimiza as preocupações de D. Angélica, que conhecendo o gênio da filha, sabe que a subalternidade não lhe seria tragável. De fato, "Gazel se aborrecia mortalmente. Não nascera para a ocupação sedentária, pacífica, modesta de preceptora" (p. 63) e mesmo bem tratada pela família, a protagonista, movida pela determinação e destacada ambição, seduz e casa-se com Eduardo, o herdeiro da família, restabelecendo assim o prestígio que julgava ser seu.

O casamento para retomada social com um homem que "ia ao teatro como iria a qualquer outro lugar" preferindo as touradas, já que "seu cérebro tinha a lotação cretina do cérebro aristocrata português" (p. 73) a enfadava e o tédio conjugal logo torna-se cotidiano. Semelhante às célebres personagens de romances do mesmo período, assim como para Luiza, de *Eça de Queiroz* e *Emma Bovary*, de *Flaubert*, a mesmice do dia a dia na burguesia não satisfazia os desejos de Gazel, que "procurava emoções que enchessem o vácuo de seu coração; queria sentir, queria palpitar." (p. 71) A densidade em que seu desgosto é narrado pode ser lido em sua autorreflexão: "Mas o que me falta? Sou a mais formosa de todas, a mais cortejada, uma das mais ricas, tenho carruagens, minhas galas enchem de admiração toda Lisboa..., entretanto, eu aborreço-me, oh! Eu aborreço-me a morrer."

Para superar a realidade tediosa, a possibilidade de um relacionamento clandestino com o sedutor falso duque Fabiano anima Gazel, que se entrega completamente para um total desconhecido - ao que tudo lhe indica. Para os leitores, há vestígios, deixados pela narradora, em todo texto, indicando o caminho para a dissolução do mistério. A principal reviravolta do romance se dá quando a protagonista percebe que seu amante é, na verdade, Adolfo, o algoz de seu pai.

O final trágico e violento do romance insere Gazel na tradição das personagens femininas que recebem a morte como destino inevitável, por suas falhas morais, assemelhando-se a tantas figuras de obras conhecidas, como

D. Narcisa de Villar, de Ana Luiza de Azevedo Castro, Lucíola, de José de Alencar, Inocência, de Taunay, Helena, de Machado de Assis...). No entanto, Luiza Leonardo utiliza as entrelinhas para tecer críticas à violência a que as mulheres "de caráter desviante" eram submetidas, desde sua tenra infância, quando sua personalidade egoísta é considerada perigosa para a reputação da família, enquanto outras mulheres, à força, apertavam-se no espartilho (p. 39) e costumes, para bem figurar socialmente.

A edição de 2023 de *Gazel* não é apenas a publicação de um livro, mas um compromisso com o resgate e pós-resgate de Luiza Leonardo, escritora relegada às margens da historiografia literária brasileira. É também uma atitude contra a negligência da historiografia para com a extensa produção de literatura em folhetins, no país.



Ao retirar, cuidadosamente, o texto das páginas oitocentistas da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional³, a pesquisadora Rosana Cássia dos Santos permite que o público atual conheça e estude a obra, além de apresentar como as escritoras do passado se posicionavam diante dos dilemas de seu tempo. Para a historiografia e crítica literária, a obra oferece um excelente exemplo do realismo brasileiro, apresentando uma protagonista que revela as complexidades e os abismos da condição feminina no século XIX, além das hipocrisias e contrastes da sociedade brasileira.

Recente e feliz consequência desse trabalho árduo da pesquisadora Rosana Cássia dos Santos foi a inclusão do romance *Gazel* na lista de obras de leitura obrigatória do vestibular de ingresso da Universidade Federal de Santa Catarina, para o ano de 2028. Espera-se, portanto, a continuidade de publicações acerca do romance de Luiza Leonardo, bem como a produção de materiais didáticos que auxiliem o trabalho dos professores da educação básica.

Referências

Leonardo, L. (2023). *Gazel: Romance-folhetim de 1881 e outros textos* (R. C. dos Santos, Org.). Editora da UFSC.

Declaração Ética

Conflito de Interesse: Nada a declarar. **Financiamento:** Nada a Declarar.



Todo o conteúdo da **NAUS — Revista Lusófona de Estudos Culturais e Comunicacionais** é licenciado sob [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/), a menos que especificado de outra forma e em conteúdo recuperado de outras fontes bibliográficas.

³ Portal da Fundação Biblioteca Nacional que disponibiliza para consulta pública o acervo digitalizado de jornais, revistas e periódicos de diversas épocas.